



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

Pausa para o futebol

“Foi um gol de anjo um verdadeiro gol de placa, que a galera agradecida se encantava.” Danilo não marcou aos 33 minutos do segundo tempo, mas foi quase, suficiente para garantir ao Flamengo a Glória Eterna. Se a crônica esportiva é um gênero consolidado, tradicional e cativante no jornalismo, nada mais justo

que dedicar o espaço de hoje ao meu time do coração. Invejosos dirão que sou uma torcedora oportunista. Que morram de inveja, pois, além do tetra na Libertadores, o Flamengo dificilmente perderá o título do Campeonato Brasileiro deste ano. Dirão ainda que não passava de obrigação, já que se trata do time com maior orçamento do país. Mas afinal, dever, obrigação, compromisso, não são os elementos que deveriam mover os jogadores? Uma torcida toda por trás espera que esse seja o mínimo e vibra para que os jogadores entreguem o máximo. Impossível,

porém, desconsiderar o extenso calendário a ser cumprido pelos times brasileiros em comparação a outros clubes pelo mundo. Eficiência, estratégia e um comando estruturado são essenciais. Num momento em que os técnicos estrangeiros estão tão cotados - o próprio Flamengo contratou Jorge Jesus e Domènec Torrent -, ver brilhar a estrela de Filipe Luís, o interino improvável que virou titular absoluto, é um alento. Nada contra o talento internacional, acho que talvez só Ancelotti para ajudar a Seleção a encontrar um rumo. Mas Felipe e até mesmo Diniz, no arquirrival Vasco, ajudam a

lembrar o motivo de vestirmos as camisas dos nossos times. E, para ser ainda mais justa, o trabalho do técnico Rafael Guanaes e de toda a equipe do Mirassol, fenômeno deste Campeonato Brasileiro, não deixa dúvidas de que há ainda aquele futebol raiz no Brasil. Não sou uma torcedora oportunista, tampouco o futebol brasileiro é o mesmo de 30 anos atrás. Talvez não fosse mais fácil torcer nos anos 1990, afinal, torcedor sempre sofre em partidas decisivas. Mas o mundo digital, o mesmo que popularizou o esporte, hoje cobra um preço alto pelo sucesso. A vida analógica dos estádios não

deixou de existir. As arquibancadas lotadas são exemplos claros. Mas o dinheiro das tevês, das bets e dos patrocínios torna a cada dia a confiança nos clubes uma tarefa mais difícil. É por isso que sou uma torcedora que faz festa. Usufruo do melhor que o esporte pode oferecer: o afeto, o assunto para mudar o rumo das conversas desinteressantes, a briga com os adversários e até nos almoços de família. Quando eu quero incomodar, funciona. Quando quero agradar, também. E, por mais que muitos tentam me convencer do contrário, uma vez Flamengo, sempre Flamengo.

Fotos: Mineirino Júnior/CB

Palácios de *brasilidades*



Entre memória, reparação e diversidade, a curadoria dos palácios presidenciais, dirigida por Rogério Carvalho, transforma o acervo em um espelho que reflete a pluralidade do país

» ANA CAROLINA ALVES

A curadoria dos palácios presidenciais — Planalto e Alvorada — vem redesenhando o significado simbólico desses edifícios, aproximando o ícone modernista da arte contemporânea brasileira. Sob a direção de Rogério Carvalho, as edificações passam a se afirmar como “um território de diálogo entre tempos, linguagens e sensibilidades”, em suas palavras. A doação de 70 novas obras ao acervo reforça esse movimento, incorporando diversidade de linguagens, perspectivas e narrativas aos espaços do poder. No caso do Palácio do Planalto, um desafio se impôs, após os atos de vandalismo de 8 de janeiro de 2023, quando o espaço foi invadido e barbarizado.

Atuando no mundo das artes há 25 anos, Rogério Carvalho é formado em arquitetura e iniciou sua carreira como técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), integrando um trabalho conjunto com a Interpol e a Polícia Federal na busca por objetos tombados desaparecidos. “Ali, meu olhar começou a ser treinado. Eu precisava entrar em contato com obras e identificar se eram originais e se estavam sendo vendidas ilegalmente, sem que houvesse alarde, para não atrapalhar o trabalho dos agentes”, conta.

Como parte da curadoria dos palácios, Carvalho ingressou em 2007. Foi por meio da comissão de curadoria, instalada à época. O trabalho se estendeu até 2016, quando escolheu deixar a função e abrir sua própria galeria de arte, onde permaneceu até o período de transição do atual governo, de 2022 para 2023.

Reparação

Antes das novas aquisições, a última compra oficial de obras para o acervo dos Palácios Presidenciais havia ocorrido em 1991. “No início de 2023, tínhamos um acervo 80% masculino, branco, hétero e burguês. Dentro dessa perspectiva da necessidade de pluralidade, eu construo uma narrativa de reparação histórica que busca adequar o conjunto de obras”, explica Carvalho. A partir disso, os palácios passam a ser habitados por mais obras de mulheres, indígenas, pessoas negras e artistas da comunidade LGBTQIAPN+. Mas essa mudança teve um momento de virada importante: os ataques do



Em primeiro plano, Douglas Ferreira, *Atinar*. Em segundo, Alex da Hora, *Quando fui mais feliz*



O lugar do relógio de dom João VI; escultura da República de Moçambique

8 de Janeiro. Rogério Carvalho foi convocado ao Palácio do Planalto durante a invasão. “Eu me perguntava o tempo todo o que faria com que aquelas pessoas não se reconhecessem nas obras a ponto de destruí-las. A narrativa de reparação histórica surge aí de maneira muito forte”, relembra. Das obras atingidas, 20 passaram por restauração no Palácio da Alvorada, em parceria entre a Presidência da República, o Iphan e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mesmo com restaurações impecáveis, uma das peças carrega uma forma simbólica de memória do que sofreu. “O quadro de Di Cavalcanti foi

Arquivo pessoal/Cedido ao Correio



Obras de Daiara Tukano, exposta no Palácio do Alvorada

perfurado em sete lugares e, na parte frontal, é imperceptível. Em seu verso, ainda é possível ver as marcas do dano. Deixamos assim, pois ele precisa ser lembrado, porém, sem se tornar protagonista”, destaca. Além dele, uma obra foi mantida exatamente como ficou após o ataque: uma bandeira do Brasil hiper-realista, arrancada da parede, jogada ao chão e pisoteada para evitar que molhassem os pés no prédio alagado. “Ela está exposta da mesma maneira, no segundo andar. É um registro que reflete o entendimento daquele momento. Não podemos simplesmente passar por um evento como esse sem registro; é preciso que fique na memória e no palácio”, afirma. Mais do que recompor paredes ou restaurar quadros, o novo projeto curatorial dos Palácios Presidenciais tornou-se um ato simbólico de correção de rumos. A proposta deixou de ser apenas estética e passou a ser ética: reescrever a narrativa visual do poder no Brasil. “O objetivo é dar espaço a identidades que antes não tinham visibilidade e refletir a

pluralidade do povo brasileiro dentro do Palácio”, destaca. A partir disso, as primeiras obras que representam o povo como um todo começam a integrar o acervo. O local onde ficava o histórico relógio trazido ao Brasil por Dom João VI — também danificado pelos atos de vandalismo em 8 de janeiro de 2023 — agora é ocupado por uma escultura entalhada da República de Moçambique. “Temos a primeira obra de uma artista trans, a primeira de um artista quilombola no Palácio do Planalto. No Alvorada, temos duas obras de Daiara Tukano, artista indígena. Ou seja, comunidades que nunca foram contempladas passam a ter acesso e a se enxergar dentro do Palácio por meio dessas obras”, celebrou.

Contemporaneidade

Ao falar sobre a concepção de Brasília e dos Palácios Presidenciais, Rogério Carvalho destaca que a origem do projeto já carregava a ideia de pluralidade. “Quando Niemeyer projetou os



Bandeira do Brasil arrancada da parede e pisoteada em 8/1



Obra de Elle Bernardini, 1ª mulher trans a ocupar o Planalto

prédios de Brasília, pensou também no plural. Ele era um humanista perfeito”, avalia. Essa visão, segundo ele, expressa-se simbolicamente em obras como a Catedral Metropolitana, idealizada inicialmente como um espaço ecumênico: “Sem fechamento, com possibilidade de qualquer pessoa se aproximar. Quando você incorpora essa pluralidade ao prédio projetado por ele, tenho certeza de que ele está aplaudindo de onde estiver”, diz. Carvalho lembra que, nos primeiros anos da capital, a formação do acervo e do mobiliário dos palácios ocorreu dentro das limitações do período. “As primeiras obras que entraram no Palácio da Alvorada foram doadas por Assis Chateaubriand — 21 obras doadas ao Juscelino”, relata. Muitos dos móveis produzidos em Brasília, apesar do desenho arrojado, não resistiram ao tempo, devido à fragilidade dos materiais. A grande virada nesse processo ocorreu em 2009, durante uma restauração em que fez questão de priorizar o design nacional. “De maneira nenhuma colocaremos móveis suecos ou americanos. Vamos colocar móveis brasileiros”, relembra. A partir daí, foi criada uma oficina de restauração que recuperou 946 móveis, todos retirados do descarte de órgãos públicos. “Tudo isso foi restaurado por 80 adolescentes em situação de risco, do Distrito Federal”, assinala. Na curadoria atual, tapetes persas foram retirados das áreas públicas. Em seu lugar, peças de sisal feitas por cooperativas brasileiras e grandes tapetes inspirados em um desenho original de Niemeyer. “É assim que seguimos: tudo pela brasilidade — artistas brasileiros em destaque, o melhor do que temos concentrado aqui”, conclui.